



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB FACULDADE DE
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

MÁRCIA CARRIJO KOTNICK

**O PROTOCOLO DE LEITURA COMO DIAGNÓSTICO DO LETRAMENTO DE
ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**BRASÍLIA
2013**

MÁRCIA CARRIJO KOTNICK

O PROTOCOLO DE LEITURA COMO DIAGNÓSTICO DO LETRAMENTO DE
ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada à
Faculdade de Ciências da Educação
e Saúde – FACES, do Centro
Universitário de Brasília Uniceub,
como requisito parcial para a
conclusão do Curso de Graduação
em Licenciatura em Letras-
Português e Literaturas de Língua
Portuguesa

Orientadora: Professora Naiara
Pedon Carvalho Clemente

BRASÍLIA
2013

MÁRCIA CARRIJO KOTNICK

O PROTOCOLO DE LEITURA COMO DIAGNÓSTICO DO LETRAMENTO DE
ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Monografia apresentada à
Faculdade de Ciências da Educação
e Saúde – FACES, do Centro
Universitário de Brasília – Uniceub,
Como requisito parcial para a
conclusão do Curso de Graduação
em Licenciatura em Letras
Português e Literaturas de Língua
Portuguesa.

Orientadora: Profa. Naiara Pedon
Carvalho Clemente

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Me. Naiara Pedon Carvalho Clemente (Uniceub)

Profa. Me. Rosi Valeri Corrêa de Araújo (Uniceub)

Prof. Me Rodrigo Albuquerque Pereira (Uniceub)

Para meus filhos, motivo
do meu retorno aos
estudos.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, por ser tão presente em minha vida e me abençoar em minhas decisões.

Aos meus pais, por toda dedicação e pelo exemplo de dignidade e honestidade em conduzir a vida.

Aos meus irmãos, pelo carinho dedicado a mim durante toda minha vida.

Aos meus filhos, por serem tão amigos e parceiros e me darem tanta felicidade e orgulho.

Ao meu marido, pelo seu amor e companheirismo nos anos que estamos juntos.

À minha orientadora, Professora Naiara, pela paciência e amizade na realização deste trabalho.

À professora Cátia Martins, por sua competência e seriedade em ministrar suas aulas que foram inspiração para a realização desse trabalho.

À professora Ana Luíza Montalvão, por sua amizade tão sincera e dedicação em todos os momentos que precisei.

À professora Ana Regina, por sua seriedade em ministrar conteúdos tão relevantes à minha carreira de docente.

Às minhas amigas Yasmin e Raquel, pela amizade e parceria nas aulas e também nos intervalos.

A todos aqueles que estiveram presente em minha vida, me incentivando a nunca desistir.

RESUMO

O presente trabalho é a realização de uma pesquisa que tem como finalidade diagnosticar o letramento de alunos do Ensino Fundamental, realizado com um aluno da rede particular e um da rede pública. Este trabalho teve como objeto, o estudo da leitura baseado em autores como Smith (1989), Kleiman (2004;2005), Rojo (2006), Freire (1989), Soares (2003) e outros. Para a realização deste projeto foram aplicados “Protocolos de Leitura”, baseados nos estudos de Bortoni-Ricardo (2010; 2012), que permitiram uma análise criteriosa dos conhecimentos dos alunos tanto no que se refere ao que aprendem na escola, como no que trazem como conhecimento prévio para o contexto escolar. São aplicados dois protocolos de leitura em alunos do 9º ano do ensino fundamental. Tais protocolos consistem na leitura detalhada de um texto contínuo associado a um descontínuo, seguida de uma interpretação em que o professor tem a possibilidade de checar os conhecimentos gramaticais, lexicais e textuais do aluno. São divididos em blocos possibilitando uma melhor compreensão e com sua aplicação foi possível confirmar a sua eficácia, uma vez que foi possível, por intermédio da leitura e interpretação classificar o leitor como adequado, intermediário, crítico ou muito crítico. O protocolo de leitura foi registrado e depois transcrito na íntegra com os devidos comentários entre os blocos que permitem o entendimento do processo realizado.

Palavras-chave: Letramento; Protocolo de Leitura; Ensino Fundamental.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 08 |
| Capítulo 1 – LETRAMENTO..... | 10 |
| Capítulo 2 – PROTOCOLO DE LEITURA..... | 16 |
| Capítulo 3 – METODOLOGIA..... | 26 |
| Capítulo 4 – APLICAÇÃO DO PROTOCOLO..... | 28 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 56 |
| REFERÊNCIAS | 57 |
| ANEXO A | 58 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma pesquisa que consta da aplicação de um “Protocolo de Leitura”, que é o instrumento utilizado para diagnosticar o letramento de um aluno da rede particular e de um da rede pública do ensino fundamental II, mais precisamente de alunos do 9º ano.

O primeiro capítulo abordará os aspectos conceituais do termo Letramento, a origem deste nome e seus pressupostos. São apontadas as diferenças entre os termos alfabetização e letramento, e como são associados e apresentados os tipos de letramentos. Pode-se ainda verificar como o letramento pode ser abordado não só em instituições, como a escola, mas também em contextos sociais abordando práticas e eventos de letramento.

O segundo capítulo trata da definição do chamado “Protocolo de Leitura, suas aplicações, seus possíveis resultados, campo de atuação e como pode ser trabalhado. Este capítulo apresentará os descritores que são utilizados na realização do trabalho e darão, ao professor, um suporte do que precisa ser avaliado. O texto trata da mediação do professor no processo de ensino da Língua Portuguesa, o que por muitas vezes auxilia em uma melhor interpretação ao demonstrar como é feita tal intervenção.

O terceiro capítulo apresentará a aplicação do “Protocolo de Leitura” e seus respectivos registros, realizado em uma escola da rede privada e uma da rede pública do Distrito Federal. Todo o registro é permeado de comentários que permitirão a compreensão do trabalho realizado, sendo possível verificar a sua eficácia como diagnóstico de letramento de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II.

O protocolo de leitura foi aplicado com utilização de um texto retirado do Correio Brasiliense, de maneira que os alunos efetuaram a leitura e a cada parágrafo foram realizadas questões referentes ao que foi lido. Após este procedimento foi possível diagnosticar o letramento destes alunos a partir de suas respostas. Assim como analisar o processo de andaimagem como ferramenta de mediação no texto sugerido.

O presente trabalho apresenta como objetivo principal:

- Utilizar o Protocolo de Leitura como diagnóstico do letramento de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II;
e como objetivos específicos:
 - Apresentar a eficácia da leitura como comprovação do nível de letramento de alunos do 9º ano.
 - Utilizar o processo de andaimagem no Protocolo de Leitura como instrumento de mediação no texto sugerido

Capítulo1

Letramento

O letramento de alunos em todas as etapas escolares será comprometido quando não houver, dentre outras práticas, o hábito de leitura seguido da não interpretação do que está sendo lido, não atingindo assim um nível de compreensão leitora.

O termo letramento surgiu na década de 1980, inicialmente com a tradução do termo “literacy”, como um processo de associação entre a leitura e a escrita (KATO, 2002), para mais tarde ser definido pela capacidade de ler e escrever de um indivíduo (SOARES, 2003), aliada à capacidade de compreensão do que está sendo lido. Tal termo diferencia-se do termo **alfabetismo**, uma vez que este se refere ao conjunto de competências e habilidades, possui um caráter individual e tem, como um dos objetivos, a valorização da leitura e da escrita, diferenciando-se do letramento que valoriza o uso das práticas sociais e envolve a escrita valorizando os contextos sociais (ROJO, 2006).

A alfabetização e o letramento são processos distintos e estão diretamente ligados um ao outro, sendo necessário dominar o primeiro para melhor desenvolver o segundo, ou seja, alguém já alfabetizado possui uma oportunidade maior de estar inserido em diversas práticas sociais, tendo assim maior facilidade de realizar tarefas que lhe forem determinadas por compreender o que está sendo pedido. Cabe ressaltar que, em outros casos, este letramento pode estar associado à oralidade e à escrita, não sendo necessário que o indivíduo seja alfabetizado, uma vez que, na oralidade ele realiza tarefas obedecendo apenas a comandos e na escrita, este indivíduo pode dominar um gênero textual, porém com um registro de linguagem inadequado.

De acordo com Rojo (2006) a leitura antigamente tinha como objetivo apenas a decodificação do código alfabético, ou seja, levava-se em

consideração apenas a escrita e a fala, para uma melhor compreensão do texto. Depois esta leitura passou a ter uma preocupação com a compreensão deste texto, o que Rojo (2006) define como “um ato de cognição que envolve não só o alfabeto, mas o conhecimento prévio e as práticas sociais”, atingindo assim o conceito de letramento.

A compreensão do que é letramento é apresentada pela autora em três momentos: a compreensão em si, a interação autor-leitor e o discurso. O primeiro trata da apresentação do texto e do que ele apresenta como conteúdo. Em seguida há a interação do leitor quando este traz para o texto seu conhecimento prévio e informações que permitam uma melhor compreensão. O terceiro, denominado discurso, consiste em um diálogo do leitor com o texto, fazendo com que este possa, além das habilidades citadas anteriormente, resgatar outros textos, argumentar, contextualizar realizando uma melhor interpretação. Tendo como finalidade decifrar códigos numéricos e alfabéticos, a alfabetização é considerada uma das práticas de letramento no âmbito escolar. Entende-se como prática de letramento o

conjunto de atividades envolvendo a língua escrita para alcançar um determinado objetivo numa determinada situação, associada aos saberes, às tecnologias e às competências necessárias para a sua realização. (Kleiman, 2005, p.12)

Kleiman (2005) define estas práticas de letramento como “práticas situadas”, que são realizadas fora do âmbito escolar e dependem de quem as pratica e do contexto em que são realizadas. Ao contrário disto, as práticas situadas na escola não dependem da situação, pois são derivadas de uma linguagem mais acadêmica, como a literária e a científica.

No livro “Preciso ‘ensinar’ o Letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?”, Kleiman (2005) apresenta várias situações em que um mesmo texto é lido de maneiras diferentes por leitores variados e quando um mesmo indivíduo pode ler e produzir textos de maneiras variadas, de acordo com o contexto em que estão situados. Nestes casos, a autora apresenta situações em que, para conseguir executar uma ação, este indivíduo não deve necessariamente estar alfabetizado, podendo contar com a ajuda de alguém

que saiba ler e escrever e reproduzir aquilo que lhe foi ditado. Tal prática é denominada evento de letramento e está diretamente ligada à oralidade.

A oralidade é a primeira manifestação de letramento, uma vez que antes mesmo de desenvolver a habilidade da escrita, a criança consegue se expressar e desenvolver seu letramento a partir do que lhe é introduzido por pais e/ou professores. Esta prática ocorre também em meios iletrados ou pouco letrados que, ao iniciar a aprendizagem da língua escrita na escola, já apresentam um bom domínio da língua oral (TERZI, 2004)

Tal oralidade é um dos objetos de estudo quando se dá ênfase ao letramento e se justifica nos casos em que uma criança consegue relacionar o que é dito a algo que está escrito, e que ela tenha tido contato, mesmo sem saber ler ou escrever. Esta criança consegue identificar uma personagem que lhe foi apresentado durante a leitura de uma história e consegue falar a respeito. Esta prática faz parte dos chamados eventos de letramento que consiste em agregar a escrita às práticas sociais. Assim,

evento de letramento é a ocasião em que a fala se organiza em redor do texto, envolvendo a sua compreensão. Segue as regras de uso da escrita da instituição em que acontece. Está relacionado ao conceito de evento de fala, que é governado por regras e obedece às restrições impostas pela instituição. (Kleiman, 2005, p.23).

Não podemos descartar um indivíduo que consiga se expressar e repassar seus conhecimentos, apenas pelo fato de ser alguém que não lê ou escreve convencionalmente.

Ao fazer um prato, a cozinheira consegue transmitir tudo o que é necessário para a sua realização. Isto ocorre por ela ter a prática e conseguir por em prática a receita, o que também poderá ser considerado um evento de letramento. Tais eventos estão ligados às práticas de letramento adaptando-se de acordo com o contexto.

Considera-se alfabetizado o indivíduo que sabe ler e escrever, contudo nem sempre este indivíduo consegue realizar tarefas em seu cotidiano. Pode-se afirmar que alguém que saiba ler e escrever não consiga redigir um texto,

um documento, analisar um gráfico ou ler uma tabela. Com isso, a partir dos conceitos de letramento expostos anteriormente, conclui-se que esta pessoa não possui um letramento adequado para a realização de tais tarefas. Neste caso, o termo adequado para classificá-la seria iletrada, ao invés de analfabeta, uma vez que ela consegue decifrar o código, mas não consegue compreendê-lo. De acordo com Kleiman (2004), esta prática social não é tema relevante na escola, a mais importante agência de letramento, que preocupa-se não com o letramento, como prática social, mas apenas com um tipo de aquisição de códigos alfabéticos e numéricos, processo este que geralmente é individual e necessário para o seu sucesso.

Com base nas definições de Street (1993), citado por Kleiman (2004) há dois modelos de letramento: o autônomo e o ideológico.

Kleiman define o autônomo como baseado na aquisição de códigos numéricos e alfabéticos, adquiridos na escola, em que professor prioriza a leitura e a escrita como fatores essenciais, transmite ao aluno o aprendizado e ele, de maneira individual desenvolve seu letramento. Este modelo tem como alvo o desenvolvimento das competências e habilidades deste aluno. Portanto este modelo está diretamente ligado à prática escrita e não se associa ao contexto em que um ou outro texto foi produzido. A produção oral é modificada a partir da liberdade que o interlocutor possui de acrescentar a ela seus conhecimentos prévios, seus comentários, enquanto a escrita é estática e conduzida pela lógica (KLEIMAN, 2004).

Esse modelo de letramento está associado ao desenvolvimento cognitivo e teve sua comprovação em pesquisas que analisaram a conduta diferenciada de indivíduos letrados e não letrados em face de uma determinada situação e está diretamente ligado ao que se aprende na escola, sendo esta a principal agência de letramento. Para Kleiman (2004,p.25), na maioria das vezes, letramento e escolarização se dão simultaneamente, uma vez que a escola é, em quase todas as sociedades, a principal agência de letramento.

De acordo com Kleiman, contrário ao modelo autônomo está o ideológico, que é transmitido entre gerações, e faz uso da oralidade e das

práticas sociais e culturais. Este modelo está diretamente ligado às práticas de letramento que mudam conforme o contexto. E explica ainda, que existe um tipo de letramento em que são evidenciadas situações, na qual uma determinada criança interage com seus pais na leitura de uma história infantil e consegue se posicionar e argumentar a partir do que ouviu, o que é evidenciado quando ela domina a linguagem e consegue questionar a partir da leitura que pode ser introduzida em sua vida desde os seus primeiros meses de vida. O que podemos denominar como conhecimento de mundo.

Em nossas vidas trazemos muito do que nos é repassado na infância e seguimos transformando-os em hábitos que nos acompanharão e seguirão à frente. Tal prática será determinante para o letramento e sua eficácia dependerá do local em que ele ocorre, existindo diferenças entre os eventos de letramentos elaborados por pessoas de classes distintas e será considerado um modelo ideológico de letramento. (KLEIMAN, 2004)

Para distinguir eventos de letramentos, muitas vezes, crianças são levadas a uma prática de letramento que seria o aprendizado pela visualização de como deve ser realizada uma determinada tarefa. (KLEIMAN, 2004). O modelo ideológico pode ser evidenciados nos alunos de acordo com sua classe social e não de acordo com sua capacidade. Existem diferenças entre os modelos de letramento. São autônomos muitas vezes em decorrência da autoridade de quem os repassa não cabendo a quem lê questionamento e ideológicos quando respeitada, por exemplo, uma hierarquia familiar.

O convívio de crianças com eventos de letramento ainda nos primeiros anos de vida proporciona uma melhor qualidade no seu desenvolvimento acadêmico. (TERZI, 2004). No livro “Os significados do Letramento”, a autora apresenta resultados de uma pesquisa realizada em comunidades com hábitos distintos em relação aos eventos de letramento realizados com crianças na fase pré-escolar e conclui que crianças em meios letrados obtiveram um melhor resultado escolar, pelo fato de que seus pais as introduziram em eventos de letramentos quando ainda eram muito novas, antes mesmo de saberem ler ou escrever.

Esse hábito consistia na leitura de histórias para as crianças antes de dormir. Ao escutar a história, esta criança participava do chamado evento de letramento no momento em que, em seu cotidiano, ela consegue desenhar a personagem citada na história, identifica suas características físicas e psicológicas e ainda consegue reconhecê-la em outros contextos. Ao comprar uma roupa com a imagem de um personagem, esta criança estaria se identificando com algo que conheceu por intermédio da história que lhe foi apresentada em algum momento.

A incapacidade de realizar tarefas, mesmo sabendo ler e escrever, é denominada como “analfabetismo funcional”, que consiste em não conseguir executar tarefas simples como escrever um bilhete e tarefas mais complexas como elaborar uma redação, preencher um contrato, e preencher um formulário. (ROJO, 2006).

A avaliação do nível de letramento em alunos de ensino fundamental será chamada de Protocolo de Leitura e será tratada com mais detalhes no próximo capítulo, onde poderemos analisar de fato do que se trata tal procedimento.

A leitura é, sem dúvida, um meio eficaz de comprovação de letramento. Esta comprovação, quando feita pela aplicação deste Protocolo, perpassa pelos campos gramaticais, lexicais e textuais e consegue detectar as defasagens do aluno. Por esse protocolo, a análise torna-se mais ampla e a capacidade leitora do entrevistado e o seu domínio do conteúdo são analisados com mais eficácia.

Capítulo 2

Protocolo de Leitura

Para Smith (1989), a compreensão é a base do aprendizado da leitura. É quando tentamos interpretar a mensagem deixada pelo autor. Esse aprendizado se dá pelo acréscimo de novas informações ao que já conhecemos e a este conhecimento já existente em nossas mentes, o autor dá o nome de conhecimento prévio ou informação não visual que é o que já estão armazenados em nosso cérebro e consta de nossa memória.

Ao ler um texto, podemos dispor de informações já existentes em nossas mentes e torná-lo, assim, mais compreensível. A memória está, segundo o autor, ligada a tudo que conhecemos e traz o conhecimento de mundo que muda e aumenta constantemente de acordo com as experiências vividas. O autor chama de previsão a capacidade de o leitor questionar a respeito do texto e de tudo que o compõe, e de compreensão a sua capacidade de responder perguntas referentes ao que leu. Para Smith (1989, p.35)

a pessoa que não compreende um livro ou um artigo de jornal é aquela que não consegue encontrar questões e respostas relevantes concernentes à próxima parte do texto.

O aluno pode vir a ter um melhor entendimento do que lê, quando consegue resgatar algumas informações guardadas em sua memória. É o que acontece no momento em que a professora narra uma história em sala ou apresenta um texto com personagens conhecidos. Neste momento, é possível que ele interaja e apresente os seus conhecimentos, tornando a interpretação mais competente.

O conhecimento prévio permite também ao aluno que este faça inferências de algo que não apareça explicitamente no texto. Ao ler um texto que trata de determinado local onde este aluno já esteve, ele terá capacidade de compreender melhor o que já foi visualizado por ele. Tais inferências estão diretamente ligadas ao pensamento, que por sua vez, está ligado à leitura e facilitam a compreensão (SMITH, 1989).

Ao selecionar o texto a ser utilizado, o professor deve prestar atenção ao tema e sua complexidade e verificar se está de acordo com o nível de seus alunos. Se um aluno tem dificuldade em lê-lo e compreendê-lo, não significa que ele não seja capaz, mas sim, que possui pouco ou nenhum conhecimento dos elementos que compõem tal texto. O ato de ler não consiste na leitura apenas do código, mas também na busca de elementos que completem o sentido do texto (FREIRE, 1989). O conhecimento prévio, citado anteriormente refere-se ao conhecimento de mundo que o autor define como sendo a leitura do mundo. Segundo Freire (1989), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela.

Ao ler e ao trazer para o texto este conhecimento de mundo, não é exigido do aluno nenhum talento especial como pontua Smith (1989). O autor ainda destaca que esta leitura se torna possível a partir da linguagem escrita e que apresenta quatro características. Ela pode ser objetiva quando o leitor traz para o texto suas intenções; seletiva quando este leitor seleciona o que lê; antecipatória quando traz para o texto seus conhecimentos prévios e baseada na compreensão. Todo este processo está, segundo Smith (1989) ligado à estrutura cognitiva do indivíduo.

Todo trabalho de leitura está ligado à interação que o leitor tem com o texto, ou seja, com as intenções que este leitor possui e seus objetivos, que serão o que definirá a maneira como será lido. A leitura está ligada à linguagem como sendo um aspecto receptivo. Nesta linguagem, verificam-se duas estruturas: Profunda e Aparente, sendo essa a que se refere à análise dos termos do texto, com foco em aspectos gramaticais e aquela que engloba os significados, que é a que o leitor interpreta (SMITH, 1989).

Com a preocupação de avaliar tal capacidade, surgem na década de 1990, exames nacionais que se voltam para este objetivo. A partir deles, tem sido possível analisar o nível de letramento de alunos, tanto no ensino fundamental quanto no Ensino médio. O Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) foi o primeiro exame responsável por tal avaliação. O exame

que é realizado de dois em dois anos tem como objetivo diagnosticar o desempenho dos alunos. De acordo com Inep, inicialmente foi aplicado apenas em instituições da rede pública de ensino e em alunos do ensino fundamental, tendo como componentes curriculares Língua Portuguesa, Matemática e Ciências. Em 1995, o exame passa a ser aplicado nos anos finais de cada ciclo, mantendo os mesmos componentes e sendo extensivo à rede privada. Já em 1997 e 1999, são acrescentados às avaliações os componentes, História e Geografia, mas apenas aos alunos que estivessem concluindo o Ensino Médio. Contudo, somente a partir de 2001, o exame constou apenas com avaliações dos componentes Língua Portuguesa e Matemática com foco na leitura.

A partir de 2005, este exame é dividido em duas avaliações, que recebem o nome de Aneb (Avaliação Nacional de Educação Básica) e Anresc (Avaliação Nacional do Rendimento Escolar), também conhecida como Prova Brasil.¹ Também ligado ao interesse de avaliar alunos em sua capacidade leitora está o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), desenvolvido e coordenado pela OCDE, e no Brasil coordenado pelo INEP. O exame ocorre a cada três anos e avalia simultaneamente três componentes: Leitura, Matemática e Ciências, tendo como público alvo alunos na faixa etária de 15 anos, a partir do 7º ano do ensino fundamental.

Como demonstrado nos parágrafos anteriores, a leitura pode ser considerada um eficiente instrumento de avaliação da capacidade leitora dos alunos em seus diversos níveis. Nesta avaliação, o texto a ser trabalhado pode ser classificado como contínuo ou verbal e descontínuo ou não verbal. O primeiro consiste no texto escrito de forma linear, respeitando todas as características formais de pontuação, paragrafação, ortografia, coerência e coesão, enquanto o segundo consiste no texto que pode ser apresentado por imagens, pinturas e fotos colocadas ao lado de outro texto com o intuito de explicar algum termo referente ao vocabulário, tabelas, gráficos, mapas, símbolos que possuam previamente um significado incomum a quem lê.

¹ Os dados foram retirados do site www.inep.gov.br/saeb

Com o mesmo objetivo, surge um trabalho que tem a mesma função e que faz uso de uma Matriz de Habilidades de Leitura do Ensino Fundamental e Médio e é apresentado por Bortoni-Ricardo (2010, p.23) em seu livro “Formação do Professor como agente Letrador” e intitulado pela autora como Protocolo Verbal ou Protocolo de Leitura. Divide-se em três blocos, contendo cada um, sua respectiva função.

O protocolo de leitura tem em seu corpo descritores presentes nestes três blocos que serão avaliados ao longo do processo pelo professor. Ele utilizará tais descritores para avaliar a capacidade leitora de seu aluno, aplicando tal protocolo, que deve ser gravado com o prévio consentimento do aluno, de maneira que o professor consiga captar suas respostas com mais precisão, registrá-las e analisá-las posteriormente.

Tais protocolos constam do projeto “Leitura e mediação pedagógica” coordenado por Bortoni-Ricardo, com o apoio do CNPq, que visa à investigação do conhecimento de mundo de crianças e jovens que possuam uma cultura predominantemente oral em redes sociais e ainda pesquisar a relação professor- aluno em um trabalho de leitura.

O bloco um consiste em o professor apresentar ao aluno um texto contínuo, descontínuo ou ambos e iniciar a leitura a partir do título, de maneira que o aluno possa acionar seus conhecimentos prévios, facilitando sua compreensão. Este bloco dará ao aluno a possibilidade de identificar imagens ou gráficos e associá-los ao texto contínuo. Com isso o professor deve ter cuidado ao selecionar textos que combinem entre si, com o intuito de conseguir realizar essa associação que não é obrigatória. Os textos descontínuos podem ou não estarem associados ao texto inicial.

Bloco 1: Recuperação de informação:

1-Localizar informações literais em textos contínuos (narração, exposição, descrição, argumentação, instrução, hipertexto, etc.) e não contínuos (gráficos e quadros, tabelas, diagramas, mapas, formulários, folhetos de informação, peças publicitárias, comprovantes, certificados etc.)

- 2- Integrar informações entre texto contínuo e texto não contínuo.
- 3- Integrar informações entre dois textos não contínuos.
- 4- Integrar informações entre dois ou mais textos contínuos.
- 5- Reconhecer a organização de informações em textos contínuos e não contínuos.
- 6- Relacionar informação dentro de um mesmo texto.
- 7- Encontrar informações para contrastar informações fornecidas no texto com a visão pessoal de mundo.

Ao ler um texto contínuo ou descontínuo, o aluno em questão deve ter a capacidade de ler e interpretar a mensagem, levando em consideração seus conhecimentos prévios e associá-los à mensagem que o autor teve o intuito de transmitir. Para esta compreensão, este aluno deve possuir um conhecimento linguístico que compreende o uso de ferramentas léxico-gramaticais. Com base nisto pode-se compreender a organização textual (Koch, 2006). Este aluno deve ainda acionar o seu conhecimento enciclopédico que se define como o conhecimento prévio, conceituado anteriormente.

Prosseguindo com a tabela de Matriz de habilidades de Leitura, está o segundo bloco que consiste na interpretação propriamente dita. É onde o aluno poderá fazer inferências, perguntar, interagir com o professor que, por sua vez, o conduzirá a uma melhor compreensão do texto. Neste mesmo bloco, o professor terá a oportunidade de checar o seu conhecimento de mundo, ou seja, o seu capital cultural. É também quando o professor checará a capacidade de argumentação e conclusão.

Bloco 2: Interpretação

- 1- Inferir um ponto de vista.
- 2- Inferir uma relação intencional.
- 3- Entender a função dos elementos em textos não contínuos (diagrama, gráfico, tabela).
- 4- Identificar o objetivo de um autor em um texto.
- 5- Estabelecer relações lógico-discursivas.
- 6- Identificar a intenção do autor em um texto argumentativo.

- 7- Distinguir fato de opinião.
- 8- Desenvolver uma hipótese coerente com a informação dada.
- 9- Comparar textos.
- 10- Reconhecer o cenário de uma história.
- 11- Deduzir o significado do título de um texto literário a partir do contexto.
- 12- Dar uma opinião sobre as atitudes de um personagem no texto e justificá-la.
- 13- Identificar a motivação/intenção de um personagem.
- 14- Perceber nuances na linguagem que realçam a interpretação.
- 15- Identificar elementos que sustentem um ponto de vista.
- 16- Entender a ideia principal do texto.
- 17- Entender a ideia principal de parte de um texto.
- 18- Inferir a relação entre uma sequência de fatos.
- 19- Reconhecer a ideia principal de um texto quando as ideias estão contidas nos subtítulos.
- 20- Inferir a razão para uma decisão do autor.
- 21- Distinguir ideia principal das secundárias.
- 22- Integrar várias partes do texto.
- 23- Aplicar critérios dados em um texto a outros casos.
- 24- Reconhecer o objetivo do texto.
- 25- Formar generalizações.
- 26- Integrar notas com o texto principal.
- 27- Utilizar o conhecimento e a experiência pessoal para formular uma hipótese que seja coerente com informações fornecidas por um texto.
- 28- Associar Informações.
- 29- Chegar a conclusões.

O aluno deve para uma melhor interpretação, possuir um conhecimento prévio multidisciplinar, uma vez que deve possuir conhecimentos em outras disciplinas, permitindo assim uma melhor compreensão de textos que se refiram a conteúdos que não sejam de língua portuguesa (BORTONI,2012)

Segundo Bortoni-Ricardo (2012), a leitura é um processo sintetizador e com isso ela não pode ser atividade exclusiva do professor de Língua Portuguesa. O texto em questão, muitas vezes, exige do aluno um domínio de

outras disciplinas cuja leitura, se abordada de maneira precária ou não trabalhada é comprometida. Para muitos, acredita-se que o ensino da língua corretamente cabe estritamente ao professor de Português. Desta maneira, o aluno despreocupa-se ao escrever ou produzir textos em outras áreas.

Bortoni-Ricardo (2010,p.16) ressalta que o professor, sendo um agente letrado, terá sucesso em seu trabalho quando utilizar de métodos que lhe favoreçam uma melhor avaliação. Para a autora, quando professores têm acesso a uma pedagogia de leitura, tendem a fazer um bom aproveitamento de suas estratégias e a melhorar seu trabalho pedagógico.

O bloco três apresenta a possibilidade de o aluno verificar o conteúdo do texto. Nesse momento o professor poderá checar além do conhecimento prévio do aluno, os seus conhecimentos linguísticos.

Bloco 3: Reflexão sobre o conteúdo e a forma do texto

- 1- Avaliar a apresentação e a forma de leitura do texto.
- 2- Contrastar informações fornecidas no texto com a visão pessoal de mundo.
- 3- Avaliar como o autor finaliza um texto.
- 4- Relacionar o estilo de um texto ao seu propósito.
- 5- Avaliar a pertinência de uma seção do texto em relação ao seu significado e aos propósitos gerais.
- 6- Justificar o próprio ponto de vista.
- 7- Avaliar a qualidade de textos argumentativos.
- 8- Reconhecer as vantagens de uma formatação especial em relação ao conteúdo.
- 9- Refletir sobre a forma de um texto.

Os protocolos podem ser aplicados de maneira concorrente ou retrospectiva e chamados de protocolos verbais. No caso deste projeto, serão aplicados em dois alunos do nono ano do Ensino Fundamental II, sendo um da escola pública e outro da particular, podendo também ser aplicados em qualquer circunstância em que o objetivo seja avaliar a capacidade leitora.

Quanto à maneira de aplicação, Bortoni-Ricardo (2012,p.48) pontua como concorrente e retrospectiva

a primeira acontece simultaneamente à realização do processamento da informação e por isso, concorre com ele". Na segunda, a pessoa oraliza logo após o término da atividade, que pode variar de segundos a dias.

Ao serem aplicados os protocolos deve-se observar a capacidade do aluno em acrescentar à leitura do texto, o seu conhecimento prévio, assim como seu domínio léxico, gramatical e textual como citado anteriormente. Também é possível ao pesquisador diagnosticar possíveis defasagens do aluno como a incapacidade de entendimento dos elementos apresentados que consiste além de outros, a leitura propriamente dita.

Ao longo do processo, o professor pode mediar a leitura e a compreensão, proporcionado ao aluno entrevistado um auxílio no entendimento. A essa mediação dá-se o nome de andaimagem que, segundo Bortoni-Ricardo (2012), consiste no papel da pessoa, como par mais competente, fazer a mediação para que o outro possa compreender melhor o que está sendo lido. Tal termo surge do conceito de andaime que Bortoni-Ricardo (2012,p.26), afirma estar baseado na tradição de estudos do discurso em sala de aula, sendo um conceito metafórico que se refere a um auxílio visível ou audível que um membro mais experiente de uma cultura pode dar a um aprendiz.

Ligadas ao processo de andaimagem estão as pistas de contextualização que, segundo a autora, é a preparação do texto a ser analisado. Tais pistas podem ser de caráter verbal como as prosódicas², as não-verbais como cinésicas³ e proxêmicas e, a partir delas, instauram-se os andaimes. Bortoni-Ricardo (2012), cita Gumperz (2003), que define as pistas de contextualização como qualquer sinal verbal ou não verbal que podem, quando utilizados juntamente com os elementos gramaticais e lexicais auxiliar na interpretação, afetando assim como as mensagens são compreendidas.

² - Referentes ao tom, a intensidade e o ritmo na produção verbal (Bortoni,2010,p.27)

³ - Referentes à decoração facial, direção do olhar, sorrisos e franzir de cenho (Bortoni,2010,p.27)

O professor deve preparar-se antes de aplicar o protocolo, permitindo assim que o trabalho de andaimagem seja mais eficiente. Ao preparar o conteúdo do texto anteriormente, o professor estará mais preparado para a checagem dos conhecimentos prévios do aluno, de seu capital cultural e de seus conhecimentos linguísticos. Bortoni-Ricardo (2012) ainda afirma que a leitura não se inicia no momento em que se lê. A contextualização se inicia no título e a cada pergunta do professor é importante que o aluno desenvolva sua resposta, exemplificando-a e argumentando, o que facilita a investigação de sua capacidade leitora. Para a autora não se contentar com respostas monossilábicas por não conduzirem à compreensão leitora. (Bortoni, 2012, p.52)

O título promove a interação do aluno com o tema apresentado e é neste momento que ele recorre ao seu conhecimento de mundo e ativa sua memória, permitindo que ela traga para a leitura deste texto elementos que o auxiliem na interpretação.

Bortoni-Ricardo (2012) ainda pontua que o processo de andaimagem é uma relação positiva entre aluno e professor, pois traz proximidade e harmonia no processo de aprendizagem e é usualmente utilizado no âmbito escolar. Contudo, a autora ressalta que nada impede que este seja utilizado em outros ambientes sociais.

Nesta mediação, o professor terá a oportunidade de aprofundar o tema proposto, partindo para perguntas que remetam ao aluno um conhecimento prévio do assunto. Ao iniciar no título, como citado anteriormente, percebe-se o tema que vai ser tratado e permite-se que este aluno busque em sua memória algo que o remeta ao tema tratado. Segundo Bortoni-Ricardo (2012) “promover a leitura e a compreensão do título contribui para a formação do leitor”.

O protocolo, dividido em blocos e registrado pelo professor, deve conter observações que serão elaboradas com o propósito de explicar o procedimento efetuado ao longo do projeto. Com isso, registram-se todas as respostas dadas pelo aluno e comenta-se a intervenção do professor, ou seja, o processo de andaimagem.

Sendo um evento de letramento, tais protocolos podem ser realizados com textos, temas diversos e uma vez que avaliada a capacidade de interpretação, este poderá proporcionar um melhor aproveitamento também em outras disciplinas. Além de outros aspectos aborda-se a intertextualidade que consiste em trazer elementos de outros textos que conduzam o aluno a reconhecer o tema e interpretá-lo de uma maneira mais eficaz. Esta pode ser explícita, quando apresentar a citação da fonte e implícita quando não ocorrer nenhuma citação, exigindo do leitor que recorra aos seus conhecimentos prévios para identificar a relação entre os textos (KOCH, 2006 p.87).

Torna-se importante tal trabalho, pois ao detectar as possíveis falhas, o professor terá a oportunidade de reestruturar a maneira com a qual conduz seu aluno ao conseguir definir em que grau de leitura e compreensão este se encontra e ao final deste processo, poderá classificar seu aluno, quanto à sua capacidade leitora em um aluno muito crítico, crítico, intermediário e adequado de acordo com o seu desenvolvimento em relação aos níveis dos descritores apresentados no PISA ou Saeb (ROJO,2006 p.25).Tais protocolos apresentam resultados como citado no capítulo anterior que podem vir a ser utilizados como diagnóstico para escolas, permitindo que estas desenvolvam um trabalho mais eficaz no que diz respeito à capacitação de profissionais que consigam trabalhar com a capacidade leitora de seus alunos. Tais projetos podem ainda vir a incentivar a promoção de eventos de letramento com o objetivo de inserir mais alunos à prática da leitura.

Capítulo 3

Metodologia

O presente trabalho trata de uma pesquisa qualitativa em que os alunos envolvidos foram previamente orientados do trabalho que realizariam.

Inicialmente foi efetuado contato com escolas da rede pública e privada do Distrito federal, de maneira que estas compreendessem o objetivo do trabalho realizado e a partir daí se integrassem neste processo. Em se tratando das escolas públicas foi possível perceber a imediata aceitação à realização da pesquisa de maneira que, em um primeiro contato foi possível a escolha do aluno e foi marcada a data do trabalho.

No caso da escola pública, esta dispôs de um local apropriado e o trabalho foi devidamente registrado enquanto na escola particular não foi possível o acesso e o protocolo foi realizado com uma aluna do 9º ano em sua residência. Tal pesquisa permitiu a análise da capacidade leitora destes alunos e sendo realizada em escolas públicas e privadas apresentou diferenças que serão tratadas ao longo do processo.

De maneira concorrente, os protocolos se desenvolveram a partir de questionamentos referentes aos componentes léxico-gramaticais. Ao longo do processo, com a percepção da dificuldade do aluno em responder, verifica-se a mediação do professor, uma vez que esta possui como objetivo principal, auxiliar o aluno em uma melhor compreensão do texto, podendo ser realizada sempre que necessário.

A pesquisa com o aluno da escola pública foi realizada inicialmente na biblioteca da escola e finalizada em uma outra sala, uma vez que a biblioteca seria utilizada para outra atividade, o que, de certa forma, atrapalhou em parte o desenvolvimento da pesquisa. Este aluno se mostrou bastante disponível e seguiu todas as orientações que lhe foram dadas. Uma vez iniciada a leitura, o aluno leu pausadamente o texto e sempre que questionado apresentou sua resposta, o que caracterizou estar atento.

A mesma pesquisa, com a utilização do mesmo texto e com a mesma forma de aplicação foi realizada na residência de uma aluna da rede privada, por não ter sido autorizado o acesso à escola.

Os Protocolos de Leitura foram gravados e posteriormente transcritos, de maneira que, não houve perda de nenhuma das respostas dadas pelos alunos, o que proporcionou uma melhor análise do desenvolvimento, da leitura e da compreensão do texto.

Estes protocolos foram divididos em três blocos. No primeiro, com a recuperação de ideias, foi possível verificar a compreensão dos alunos quanto à classificação do texto, à percepção da existência de textos não contínuos, utilizados para complementar a leitura e à busca de seus conhecimentos prévios do tema tratado. O segundo bloco trata da interpretação e verifica a capacidade do aluno em identificar a intenção do autor, entender a ideia principal do texto, fazer inferência e trazer seus conhecimentos léxicos-gramaticais e o terceiro trata do momento em que o professor checa a capacidade do aluno em relação ao conteúdo e à forma do texto.

Ao final foi possível diagnosticar o letramento destes alunos e classificá-los como leitores adequados, intermediários, críticos ou muito críticos, baseado na compreensão.

Capítulo 4

Aplicação do protocolo de Leitura

O primeiro protocolo foi realizado com um aluno do 9º Ano de uma escola da Rede pública do Núcleo Bandeirante - Brasília. Este aluno estudou durante todo o ensino fundamental em escolas públicas e não possui, segundo ele, o hábito da leitura. Seus pais possuem Ensino Médio e trabalham com comércio. O texto selecionado foi extraído de uma reportagem do Correio Brasiliense como consta no anexo e foi trabalhado de maneira concorrente. Segue abaixo o registro deste trabalho. Serão utilizadas as letras P. e A. referentes a professor e aluno.

Bloco I – Recuperação de Informações:

P1- Bom dia. Vou fazer um trabalho de leitura com você. Faremos a interpretação deste texto. Pode me dizer o título do texto?

A 2- Brincadeira Perigosa.

P 3- O que você entende do título?

A 4- Que é uma brincadeira que pode ter um risco.

P 5- Como assim?

A 6- Pode acontecer uma coisa ruim. Pode machucar alguém.

P 7- Continue

A 8- É pra ler o que tá do lado?

P 9- que lado?

A 10- Isso aqui no alto da página.

P 11- Sim, leia.

A 12- “A intenção é a melhor possível: divertir-se com os filhos. Mas crianças de 6 meses a 5 anos podem, em um puxão mais brusco, sofrer luxação do cotovelo”.

P 13- Muito bem. O que entendeu?

A 14- Fala de uma coisa que os pais fazem para se divertir com os filhos e pode machucar.

P 15- Qual a relação com o título?

A 16- é a brincadeira perigosa.

De (1) a (16) P. incentiva A. a interpretar o título e tentar antecipar o assunto do texto. Em (10) A. percebe algo escrito em negrito e em (15) consegue relacionar o que leu com o título, o que caracteriza que está prestando atenção na leitura.

P 17- Continue. Leia o primeiro parágrafo.

A 18 – “ Quando se divertem com os filhos, a última coisa que os pais desejam é machucá-los. Algumas brincadeiras, contudo, podem ferir os pequenos – ainda que a intenção seja somente entretê-los. De acordo com Weldison Muniz, ortopedista do Hospital Santa Luzia, se os braços das crianças forem subitamente puxados, torcidos ou sacudidos, pode acontecer a chamada subluxação da cabeça do rádio (um dos ossos do antebraço). “ Até os 3 anos de idade, as crianças têm um ligamento “incompetente” no cotovelo, ou seja, muito fraco, flácido” , explica. O puxão faz com que a cabeça do rádio fique “ machucada” – ou, em outras palavras, a extremidade do osso sai parcialmente da cavidade, ocasionando o desconjuntamento da articulação”.

P 19- Muito bem. O que fala o primeiro parágrafo?

A 20- Fala de brincadeiras que os pais fazem com os filhos sem saber do perigo, da gravidade. Muitas vezes machucam os filhos sem saber.

P 21- Quem fala do assunto?

A 22- Um ortopedista

P 23- Qual o seu nome?

A 24- Weldison Muniz do Hospital Santa Luzia.

P 25- Você conhece este hospital?

A 26- Já ouvi falar, mas nunca fui.

P 27- O que é um ortopedista?

A 28- O médico que cuida dos ossos. Quando você sente dor e tem que colocar gesso.

P 29- Você coloca gesso quando sente dor?

A 30- Não, o gesso é só quando quebra ou torce.

P 31- Quando você torce também usa gesso?

A 32- Não, às vezes usa só uma faixa ou uma bota preta que não é de gesso.

P 33- Como é esta bota?

A 34- Preta, dura, coberta com uma espuma. Serve para imobilizar o pé ou o braço. Minha mãe usou uma.

P 35- Então preste atenção. O cardiologista trata do coração e o ortopedista...

A 36- Dos ossos.

P 37- Só dos ossos?

A 38- Dos ligamentos também

Em (20), A consegue falar do assunto tratado no primeiro parágrafo. Em (24) identifica quem fala do assunto. Em (27), P. questiona a nomenclatura de uma especialidade médica e auxilia A. em sua definição. Neste momento ocorre uma intervenção, chamada de andaimagem, de P. que estimula A. a conseguir melhorar sua interpretação. As respostas são dadas vagarosamente,

expressando insegurança. Neste momento fomos interrompidos na escola, pois uma turma teria de utilizar a sala e tivemos de mudar de sala. Tudo isto atrapalhou em parte o desenvolvimento da atividade.

P 39 – Vamos retornar. O que você acha que sejam ligamentos?

A 40- São nervos que ligam os ossos.

P 41- o que você chama de nervos são chamados de ligamentos. Certo e as articulações?

A 42 – Juntam os ossos e dão movimento.

P 43- Como assim?

A 44- São elas que fazem a gente movimentar. Dobrar o braço, a perna, o joelho. Assim ó. (e mostra o movimento).

P 45- Isso mesmo, muito bem.

Em (39), A. apresenta a definição de um termo tratado no vocabulário. Em (43), P. incentiva A. a aprofundar sua definição para que esta seja mais completa o que A. aceita prontamente.

P 46- Vamos continuar. Você já ouviu falar de hérnia de disco?

A 47- Sim.

P 48- Sabe o que é?

A 49- Mais ou menos. A hérnia de disco é uma doença da coluna, e eu sei que dói muito.

P 50- Como sabe?

A 51- Minha mãe teve e depois ela operou.

P 52 – Você então sabe que trata da hérnia?

A 53- Um ortopedista junto com outro médico. Um... peraí. Deixa eu pensar. Um... ah um neurocirurgião.

P 54- Pode explicar como é?

A 55- A hérnia é uma inflamação do disco da coluna.

P 56 – O que são os discos da coluna?

A 57 – Minha mãe me contou. São... tipo uma espuma que tem entre os ossos da coluna. Que servem para amortecer e dar movimento. Assim ó (e mostra o movimento, movimentando o braço para cima)

P 58 – Você falou em ossos da coluna. Você sabe como eles se chamam?

A 59 – É... peraí. É... não lembro.

P 60 – Vértebras. E os discos estão entre as vértebras.

A 61- Ah tá. Entendi.

P 62 - A hérnia é a inflamação deste disco e a dor que sua mãe sentia é porque o disco inflamado encosta no nervo e dói.

Em (52), P. questiona A. a respeito de determinado tema e, em (55), A. consegue dar uma resposta correta. A. detém o conhecimento do assunto por ter vivenciado de perto uma situação em que este tema estava presente. Esta abordagem consegue checar o conhecimento de mundo de A.

P 63- Lendo o texto você sabe o que é uma sub-luxação?

A 64- Não, não sei.

P 65-Observe bem o texto todo.

A 66 – Espera. Não. Não sei.

P 67- Observa o texto ao lado.

A 68 – Tá. Ah! Tá aqui. é quando encontra com o ligamento. Sai do lugar e encontra com o ligamento.

P 70- O que encontra com o ligamento?

A 71- O osso.

P 72- onde leu isso?

A 73- aqui ó no quadro do lado que tem um desenho

P 74- Então leia.

A 75- “ A luxação do cotovelo (ou sub-luxação da cabeça do rádio) acontece quando a extremidade do osso chamado rádio sai de sua cavidade e entra em um ligamento do cotovelo. Ao ser puxada, a cabeça (ou extremidade) do rádio são do lugar, em relação ao ligamento anular no cotovelo. Esse ligamento anular envolve a cabeça do rádio, como se fosse um anel (daí o nome).

A. se distrai um pouco e não percebe que ao lado existem informações que completam o texto inicial. Em (65), com a intervenção de P., A. percebe as informações e, em (68), lê em voz baixa e consegue responder. Em (75), P. solicita que o mesmo texto seja lido em voz alta.

P 76- Este quadro é um texto?

A 77- É um mini texto.

P 78- Você sabe como chama este tipo de texto?

A 79 – Não como é?

P 80- O nome é hipertexto. Ele explica algo que já foi citado.

A 81- Nunca ouvi falar

P 82- Mas entendeu?

A 83- Sim

Em (80), há mais um processo de andaimagem quando P. apresenta a definição de hipertexto, promovendo um melhor entendimento.

P 84- O médico fala em ligamento incompetente. O que você entende por incompetente

A 85- Que é fraco, não desenvolveu tudo.

P 86- O que significa a palavra incompetente?

A 87- Depende do sentido.

P 88- Como assim?

A 89 – Pode significar que a pessoa não é capaz. Não consegue fazer alguma coisa. Que ela é fraca.

P 90- Fraco é sinônimo de incompetente?

A 91- Não incompetente é alguém que não consegue fazer alguma coisa mas no texto acho que significa que o ligamento não está bem formado.

P 92 – Certo. Observe. Uma pessoa competente é alguém com capacidade de realizar bem uma tarefa. No caso do osso significa que ele não está pronto para realizar todas as tarefas que ele tem de realizar. Por isso é incompetente.

A 93- Entendi.

Em (84), P solicita que A. dê o significado de uma palavra. Em (89), A. apresenta algumas definições, mas com algumas dúvidas que são sanadas em (92), quando P. apresenta uma definição. Percebe-se que A. detém conhecimentos, mas é um pouco inseguro ao responder.

P 94 – Bem, no texto em algum momento, o médico utiliza a expressão “ a cabeça do rádio”. O que é o rádio?

A 95- Um osso do antebraço.

P 96- O texto diz isto?

A 97- Sim está entre parênteses e no quadro com desenho também

P 98- Este desenho é uma imagem. Esta imagem é um texto.

A 99- É sim

P 100- Porquê?

A 101- Porque ela explica alguma coisa. Você olha e consegue entender uma mensagem.

P 102- Você pode dar um exemplo de outra imagem que transmita uma mensagem?

A 103- Um coração.

P 104- O que significa?

A 105- Amor

Em (97), A percebe novamente a imagem o que significa que está mais atento à atividade. Em (101) A. responde corretamente o que lhe é solicitado.

P 106- Você pode citar algum lugar onde você vê muitas placas?

A 107- Na rua.

P 108 – Que tipo de Placas?

A 109 – Pare. Pedestre, sinais de trânsito, estacionamento.

P 110- Estas placas são textos?

A 111- Sim, porque você olha e entende a mensagem.

Em (111), A. confirma o seu entendimento em relação às imagens que também são textos.

P 112- Como chamam esse tipo de texto?

A 113- Não sei.

P 114- São textos não- verbais ou descontínuos

A 115- Acho que entendi. Não-verbais são como as imagens e igual ao primeiro então é verbal

P 116- Sim, verbais ou contínuos. Entendeu?

A 117-Sim, entendi.

P 118- Você entendeu a diferença?

A 119- sim.

P 120- Bem, leia o segundo parágrafo.

A 121- Tá bom. “Esse tipo de acidente não traz consequências maiores para a saúde, mas os pequenos sofrem bastante. “As crianças sofrem muita dor e ficam incapacitadas de dobrar o cotovelo”, descreve o médico. Mas não é preciso pânico. Basta levar a criança a um ortopedista, que, literalmente, colocará o osso no devido lugar. “O que ele vai fazer é empurrar o osso de volta. “É uma manobra simples, um procedimento rápido, como arrancar um dente de leite”. O problema, que também recebe o nome de cotovelo de ama, pronação dolorosa ou luxação do cotovelo, é comum entre crianças de 6 meses a 5 anos. A partir dessa idade, ainda de acordo com Muniz, os ligamentos tornam-se mais rígidos e a chance de se “descolarem” diminui consideravelmente.

Bloco II – Interpretação:

P 123- Você entendeu todo o vocabulário.

A 124- Sim.

P 125- No texto fala em “consequência”. Você pode me dizer o que significa esta palavra?

A 126- É alguma coisa que vem depois de um ato.

P 127- Pode me dar um exemplo?

A128- Quando alguém queima uma floresta, a consequência é o desmatamento e morte dos animais e destruição da natureza.

P 129- Diferencie causa e consequência.

A 130- Deixa eu pensar. Ah! Já sei. A AIDS, a causa é um vírus que mata a defesa do organismo e a consequência é a morte.

P 131- Muito bem.

Em (124) A. inicia a leitura do segundo parágrafo com algumas pausas que confirma, em parte, não ter muito hábito de leitura mas que não significa necessariamente a falta de compreensão. Em (130) A retoma seus conhecimentos prévios e consegue responder o que lhe foi solicitado sem a mediação de P. É percebido que ao ler, A interrompe diante de algumas palavras. A, como afirmou no início, tem pouco hábito de leitura. Ao ser questionado a respeito A afirma ver televisão, ouvir notícias e prestar atenção ao que dizem as pessoas. Tudo isto caracteriza que possui um conhecimento prévio adquirido em suas relações sociais

P 132- Olhe bem. No primeiro parágrafo fala que os braços foram puxados subitamente.

A 133- Sim

P 134- O que você entende por subitamente.

A 135- Rapidamente.

P 136- Você já ouviu falar em morte súbita?

A 137- Sim. É quando alguém morre de repente, de uma hora pra outra.

P 138- Então pense. O que é subitamente?

A 140- É quando puxa o braço de repente com força.

Em (132) P. questiona o significado de um determinado termo. Em (135) A apresenta uma definição errada. Em (136) P. estimula A. a pensar melhor e em (140) A consegue apresentar a definição correta. A intervenção de P. é importante, pois auxilia A. na interpretação. Muitas vezes percebe-se que A. se distrai e comete erros que são desnecessários, uma vez que A. detém o conhecimento.

P 141- Vamos continuar a leitura.

A 142- Vou ler estes textos menores ao lado. Aqui (e mostra). Como acontecem os sintomas, o que causa, quem pode ter, o tratamento e os cuidados.

P 143- Então comece.

A 144- Tá. Como acontece já falamos. É aquele do desenho. Vou ler os sintomas.

P 145- Então leia

A 146- “Os sintomas: Dor extrema. Por vezes, a criança pode reclamar de dor no punho ou no ombro, porém o problema está mesmo no cotovelo. Após algum movimento, há um “estalo” e a criança fica imóvel. Braço visivelmente “pendurado”, deslocado do local correto. Incapacidade de dobrar o braço.

P 147- você sabe o que são sintomas

A 148- São coisas que você sente antes da doença.

P 149- Como assim?

A 150- Primeiro aparece os sintomas e depois a doença.

P 151- Observe: Os sintomas aparecem para detectar a doença.

A 152- O que é detectar?

P 153- Descobrir, por exemplo: Você tem febre, dor no corpo, boca seca, vômitos, significa que você pode estar com dengue

A 154- Ah! Entendi. Quando aparecem os sintomas o médico pode descobrir a doença.

P 155- Sim, mas às vezes ele precisa de exames que confirmem.

A 156- Ah! É por isso que o médico pede exames.

P 157- É sim

Em (152), A. questiona o vocabulário, o que demonstra interesse na leitura. Em (153), P. faz uma mediação e explica o significado de “sintomas”. A. presta atenção e parece compreender. Neste momento a intervenção é necessária para um melhor entendimento. Em (156), A. consegue associar a aplicação com algo vivenciado por ele.

P 158- Continue.

A 159- Vou ler o tratamento. “Na maioria das vezes, o procedimento é simples. A radiografia só é pedida em casos extremos. O médico tentará colocar o osso de volta no lugar, movimentando o braço da criança para que o osso e o ligamento deslizem de volta ao local de origem”.

A 159- Ai que dor!

P 160- O quê?

A 161- Colocar o braço no lugar.

P 162- É verdade. Continue.

A 163- “Apesar de rápido, é possível que a criança sinta muita dor. Após 15 minutos, contudo, ela já estará conseguindo realizar movimentos com os braços normalmente. Se a dor persistir é recomendado dar algum medicamento para aliviar o incômodo”.

P 164- Você sabe o que é uma radiografia?

A 165- Ah! É quando tira uma foto do osso. Você coloca um colete. É quando o médico quer ver depois da pele.

P 166- Explique melhor.

A 167- O médico tem que ver se quebrou algum osso. Ele precisa de um raio x. É quando ele consegue ver dentro do corpo da gente.

P 168- Isso mesmo. Agora preste atenção. Você conhece algum lugar fora do aeroporto que utilize o raio-x?

A 169- Não me lembro.

P 170- Você já viajou de avião?

A 171- Sim. Ah! É mesmo. Lá tem uma máquina que vê dentro da mala pra ver se a gente tá levando droga ou alguma coisa errada.

P 172- Como por exemplo.

A 173- Uma arma.

Em (165) A consegue definir raio-x. Em (170), P. tenta fazer com que A. consiga associar o vocabulário do texto com algo que já viveu e consegue que A. faça a relação com algo já praticado: uma viagem de avião.

P 174- Preste atenção. Antes de continuarmos vou lhe fazer uma pergunta.

A 175- Sim

P-176 – Percebe que no texto aparecem palavras como parcialmente, subitamente e visivelmente. O que elas têm em comum?

A 177 – A forma que as coisas são feitas.

P 178- percebe que o sufixo – mente significa a maneira que algo é realizado. Você sabe o que é sufixo?

A 179- Não. Nunca estudei isto.

P 180- OK! Vamos continuar. Leia o restante.

A 181- Tá. Falta “os cuidados”.

P 182- Pode ler.

A 183- “Cuidados: Evitar puxar, torcer e fazer movimentos bruscos com o braço da criança. Ao ajudá-la a atravessar a rua, por exemplo, cuidado para não conduzi-la com muita força ou mesmo de maneira incorreta. – Uma vez percebido o problema, não tente recolocar o osso no lugar por conta própria. Leve sempre a criança ao pronto-socorro ou a um ortopedista. – Se a lesão

voltar a acontecer ou se a criança não conseguir movimentar o braço normalmente após a intervenção médica, leve-a novamente ao hospital”.

P 183- Muito bem. Observe este texto. Na segunda linha aparecem palavras como ajudá-la e conduzi-la Este “la” corresponde a quê?

A 184 – À criança.

P 185- Muito bem. Mas você saberia classificar? Dar nome?

A 186- Não. Não me lembro o nome disso.

P 187 – Nem a classe gramatical?

A 188- Não

P 189- Muito bem. O “la” é um pronome oblíquo que faz referência à criança.

A 190- Não me lembro disso.

Em (176), A é questionada à respeito de algumas palavras que possuem o mesmo prefixo. O interessante é que A consegue associá-las e compreendê-las mesmo não sabendo algumas nomenclaturas. O mesmo ocorre em (184), o que comprova que mesmo sem o domínio da nomenclatura gramatical A. detém o conhecimento. Tudo isto faz parte de seu letramento ideológico.

P 191- Muito bem. Já leu tudo?

A 192- Não. Mas falta pouco. Só o que causa que são puxões, torções e sacolejos e quem pode ter que são as crianças de seis meses a 5 anos com consistência excessivamente elástica e desenvolvimento ósseo incompleto..

P 193- Ok. Muito bem

Bloco III – Reflexão sobre o conteúdo:

P194- Muito bem. Você pode me dizer o que achou do texto?

A195- Achei bom.

P196- Que tipo de texto é este?

A197- É um texto que é uma reportagem.

P198- Bem na verdade este é o gênero. Você sabe a diferença de tipo e gênero?

A199- Não. Não lembro.

P200- Não lembra ou não estudou?

A201- Acho que já estudei mas não me lembro.

P202- Este texto é um texto informativo. O tipo é informativo e o gênero é uma reportagem.

A203- Ah! Entendi.

P204- Você sabe a diferença entre reportagem e notícia?

A205- A notícia é de algo que aconteceu ou está acontecendo e a reportagem eles falam mais de um assunto.

P206- Pode me dar um exemplo.

A207- Então. Foi dada a notícia que o Papa ia deixar de ser papa. Isso é uma notícia, mas se fizessem um programa sobre a vida dele seria uma reportagem

P208- Você sabe quem escreveu e onde foi escrita esta reportagem.

A209- Foi no Correio Braziliense. Tá escrito o nome aqui e quem escreveu foi Gláucia Chaves, que deve ser jornalista do Correio.

P210- Muito bem. Muito Obrigada pela colaboração

A211- De nada.

Em (196), P. questiona a respeito de tipologia textual e gênero e A não consegue responder. Em (202), P. realiza um processo de andaimagem que ajuda A. a compreender melhor os conceitos. Em (205), A consegue responder o que lhe é solicitado e cita um tema que demonstra que acompanha algumas notícias da atualidade por se tratar de um tema recente.

Este protocolo teve duração de uma hora e vinte minutos e foi possível verificar que se tratar de um aluno que alega ter pouca leitura, porém lê bem, com as devidas pontuações, mas é um pouco inseguro ao responder. Trata-se de um aluno, segundo Rojo (2006), adequado, pois consegue ler, fazer inferências e muitas vezes fazer comentários que confirmem que possui um conhecimento prévio.

O segundo protocolo foi realizado com uma aluna de uma escola particular de Taguatinga. Esta aluna estudou sempre em escolas particulares, já tendo passado por três. Sua mãe é servidora pública com nível superior e seu pai vendedor com nível médio. Segundo informação lê apenas os livros indicados pela escola. O protocolo foi realizado na casa da aluna.

Bloco L– Recuperação de Informação.

P1- Boa tarde. Vou fazer um trabalho de leitura e interpretação com você.

A2- Tá bom.

P3- Você pode ler o título do texto?

A4- Brincadeira Perigosa

P5- O que você acha que quer dizer o texto.

A6- Uma brincadeira que pode causar danos.

P7- O que significa causar danos?

A8- Causar problemas.

Em (3) P. solicita a A. que leia o título e em seguida pede para interpretá-lo. Em (6) A dá uma definição que no trecho seguinte explica melhor.

P9- Muito bem. Leia o primeiro parágrafo.

A10- “ Quando se divertem com os filhos, a última coisa que os pais desejam é machucá-los. Algumas brincadeiras, contudo, podem ferir os pequenos- ainda

que a intenção seja somente entretê-los. De acordo com Weldison Muniz, ortopedista do Hospital Santa Luzia...

A10- Ah! Eu conheço este hospital. Eu já fui lá.

P11- Com quem?

A12- Com a minha mãe e depois com meu Pai.

P13- Porque você foi lá.

A14- Eu tava com gripe. Tava tossindo muito e a minha mãe me levou e depois foi meu pai que me levou porque eu machuquei.

P15- O que achou do hospital?

A16- Bom, mas demora um pouco.

Em (10), A. traz para o texto seu conhecimento de mundo quando reconhece o nome do hospital.

P17- Muito bem. Continue

A18- É... Ah! De acordo com Weldison Muniz, ortopedista do hospital Santa Luzia, se os braços das crianças forem subitamente puxados, torcidos ou sacudidos, pode acontecer a chamada sub-luxação da cabeça do rádio (um dos ossos do antebraço). “Até os três anos de idade, as crianças têm um ligamento “incompetente” no cotovelo, ou seja, muito fraco, flácido”, explica. “O puxão faz com que a cabeça do rádio fique “machucada”- ou, em outras palavras, a extremidade do osso sai parcialmente da cavidade, ocasionando o desconjuntamento da articulação”.

P18- Do que trata o primeiro parágrafo?

A19- A criança com três anos de idade tem os ossos muito frágeis e precisa ter cuidado na hora da brincadeira.

P20- Aí fala que brincadeira?

A21- Fala que é a brincadeira de puxar.

P22- fala quem faz a brincadeira

A23- Os pais.

P24- Que tipo de brincadeira é?

A25- Fala que é a brincadeira de puxar o braço.

P26- Você sabe o que é entretê-los?

A27- Não

P28- Pense bem.

A29- Ah! Diverti-los.

P30- Quem fala do problema?

A31- Um médico.

P32- Você sabe o nome?

A33- Peraí. Ah! Weldison Muniz.

P34- Qual a especialidade dele?

A35- Ortopedista.

P36- O que faz o ortopedista?

A37- Cuida dos ossos.

P38- O que tem entre os ossos

A39- Juntas.

P40- Você sabe o nome correto dessas juntas.

A41- Não

Em (18), P. questiona a respeito do conteúdo do primeiro parágrafo. A responde com respostas objetivas, não entra em detalhes, não procurar responder de maneira mais completa e demonstra muita desinteresse em ler.

P42- O nome correto é ligamento. Você sabe quem cuida dos ligamentos?

A43- Acho que é o ortopedista também. É ele mesmo.

P44- O que o ortopedista faz?

A45- Mete gesso quando quebra.

P46- Explique melhor.

A47- Quando alguém quebra algum osso, ele mete gesso.

P48- Só quando quebra?

A49- Só.

P50- Você já torceu o pé?

A51- Não.

P51- Quando existe uma torção, muitas vezes o ortopedista coloca um tala sem gesso.

A52- E adianta.

P53- Sim adianta.

A54- Ah! Entendi.

P55- No texto fala em "ligamento incompetente". O que você entende por incompetente?

A56- Uma pessoa que não faz nada direito.

P57- Mas e o ligamento incompetente?

A58- Ah! O ligamento que não é bom. É ruim, não funciona, que tá machucado

P59- Pode ser um ligamento que ainda não está completamente formado, por isso, deve-se ter cuidado.

A60- É pode ser.

P61- Você sabe o que significa o prefixo “in”?

A62- Hum... não.

P63- Pense bem. Uma pessoa incompetente é uma pessoa que não tem competência. Um lugar incomunicável é um lugar que não tem comunicação. Então o prefixo “in” indica o quê?

A64- Que é não. Indica uma coisa negativa.

P65- Sim. O prefixo “in” é um prefixo de negação.

A66- Ah tá.

P67- Você sabe o que é prefixo?

A68- Eu já estudei, mas não me lembro.

P69- Você sabe o que é uma luxação.

A70- Não

P71- O texto não diz?

A72- Acho que não.

P73- Procure no texto.

A. faz outra leitura silenciosa para buscar a informação.

P74- E então achou.

A75- Tá aqui do lado nesse texto de como acontece.

P76- Você pode ler?

A77- “A luxação do cotovelo (ou sub-luxação da cabeça do rádio) acontece quando a extremidade do osso chamado rádio sai de sua cavidade e entra em um ligamento do cotovelo. Ao ser puxada a cabeça (ou extremidade) do rádio sai do lugar, em relação ao ligamento anular no cotovelo. Esse ligamento anular envolve a cabeça do rádio, como se fosse um anel (daí o nome).

P78- Muito bem. Entendeu.

A79- Achei meio confuso, mas entendi. É quando o osso sai do lugar e encosta no ligamento.

P80- Isso mesmo. O que você leu é um texto?

A81- É. É um texto menor.

P82- E a imagem? É um texto.

A83- Não porque não diz nada.

P84- Não tem um desenho?

A85- Sim, mas não dá pra entender.

P86- Nenhuma imagem é um texto?

A87- Não tem muito desenho que é um texto porque a gente olha e entende.

P88- Me dá um exemplo.

A89- O "M" do McDonalds. Todo mundo sabe que ali tem um McDonalds.

P90- Me dá outro exemplo.

A91- É...Faixa de pedestre.

P92- Muito bem. Então o "M" do McDonalds e a faixa de pedestre é um texto?

A93- Sim, a gente entende o que quer dizer.

P94- Você sabe como chama este tipo de texto?

A95- Não - verbal.

P96- Muito Bem.

Em (77), A. lê o hipertexto ao lado e consegue localizar a explicação do termo citado no texto inicial. Em (89), faz referência a uma logomarca e em (91) a uma sinalização classificando-as corretamente em (95).

P96- No texto fala o que é o rádio?

A97- Peraí.

A faz novamente uma leitura rápida, procurando a resposta.

A98- Tá aqui. É um osso do antebraço.

P100- E você sabe o que é o antebraço?

A101- É esse osso aqui ó. (e mostra o braço).

Neste momento, o protocolo é interrompido, pois A. se ausenta para ir ao banheiro. Esta pausa de certa forma prejudica o processo, pois desvia a atenção do texto e dispersa a aluna,

A102- Pronto. Voltei.

P103- Leia o segundo parágrafo.

A104- “Esse tipo de acidente não traz consequências maiores para a saúde, mas os pequenos sofrem bastante. “As crianças sentem muita dor e ficam incapacitadas de dobrar o cotovelo”, descreve o médico. Mas não é preciso pânico. Basta levar a criança a um ortopedista, que, literalmente, colocará o osso no devido lugar. ”O que ele vai fazer é empurrar o osso de volta. “É uma manobra simples, um procedimento rápido, como arrancar um dente de leite” O problema, que também recebe o nome de cotovelo de ama, pronação dolorosa ou luxação do cotovelo, é comum entre crianças de seis meses a cinco anos. A partir dessa idade, ainda de acordo com Muniz, os ligamentos tornam-se mais rígidos, e a chance de se “descolarem” diminui consideravelmente.

Bloco II - Interpretação

P105- Muito bem. Entendeu o segundo parágrafo.

A106- Sim

P107- Entendeu todo o vocabulário?

A108- Sim

P109- No texto diz que as crianças ficam incapacitadas de dobrar o cotovelo. O que quer dizer a palavra “incapacitada”?

A110- Que não conseguem dobrar o cotovelo.

P111- agora me responda o que é uma pessoa incapaz?

A112- Que não dá conta de fazer alguma coisa.

P113- Muito bem. Aqui também diz que o médico colocará o osso no devido lugar. O que quer dizer “no devido lugar”?

A114- Onde ele deveria estar.

Em (104), A. inicia a leitura do segundo parágrafo. Em (109) e em (113), P. faz perguntas referentes ao vocabulário e A. consegue responder. Percebe-se neste momento que A lê com mais clareza e responde com mais vontade.

P115- Bem, vamos continuar. Aqui também fala que o médico executa um procedimento simples. O que você entende por procedimento?

A116- Um processo de coisas.

P-117- Explique melhor.

A118- Pra eu poder ir para uma festa eu tenho que me arrumar. Tomo banho, me arrumo, passo maquiagem e perfume. É um processo de coisas. É um procedimento.

P-119- Tente explicar isto se referindo ao que o médico faz.

A120- Ele analisa, pede um raio x para ter certeza e toma a decisão do que tem que fazer. No caso do texto. Ele vê que precisa colocar o osso no lugar e coloca. Este é o procedimento.

P121- Muito bem. É isto mesmo. Você sabe o que é raio-x?

A122- É uma fotografia do osso. É uma fotografia avançada que permite que o médico veja dentro da pessoa.

P123- Você já tirou u raio-x?

A124- Já. Quando quebrei o braço. Meu pai me levou.

P125- Fora do hospital, você já viu raio-x?

A126- Não

P127- Você já viajou de avião?

A128- Já

P129- E no aeroporto você já viu raio-x?

A130- Não

P131- Quando você embarca, a sua bagagem passa por uma máquina. Aquela máquina é uma máquina de raio-x que consegue ver dentro da mala.

A132- eu não sabia que olhavam dentro da mala. Porque eles olham?

P133- Eles olham para saber se você está levando alguma coisa proibida.

A134- Como assim?

P135- Saber se o passageiro leva droga, arma.

A136- Nossa eu não sabia.

Em (125), P. checka os conhecimentos de mundo verificando se A. associa um termo do texto referente a um procedimento utilizado no hospital a outro contexto. A não consegue fazer esta associação, e em (131), P. aplica o processo de andaimagem quando explica a A. um procedimento de raio-x em aeroportos.

P137- Bem, vamos continuar a leitura.

A138- O que é pra mim ler?

P139- O correto é dizer para eu ler.

A140- Ah! É muito esquisito.

P141- Sim, mas mim não lê. Sempre que você tiver um verbo de ação, não utiliza o mim. Você fala para eu comer, para eu ver, para eu fazer. Entendeu?

A142- Sim. Entendi.

P143- Você sabe como classifica o “mim”. O que é o “mim”?

A144- Não

P145- Você já estudou pronomes pessoais?

A146- Sim

P147- Me diga os pronomes pessoais do caso reto.

A148- Não sei o que é isto. Só sei que pronome pessoal é eu, tu, ele, nós, vós, eles.

P149- Muito bem. Estes são os pronomes pessoais do caso reto.

A150- Não sabia que tinha este nome.

P151- E o “mim” é um pronome pessoal do caso oblíquo.

A152- Já ouvi esse nome, mas não lembro nada.

Em (143), P checa os conhecimentos gramaticais de A. que não consegue responder. P intervém e explica a diferença e a nomenclatura do conteúdo apresentado.

P153- Bom, continue. Leia o Tratamento.

A154- “Na maioria das vezes, o procedimento é simples. A radiografia só é pedida em casos extremos. O médico tentará colocar o osso de volta no lugar, movimentando o braço da criança, para que o osso e o ligamento deslizarem de volta ao local de origem. Apesar de rápido, é possível que a criança sinta

muita dor. Após 15 minutos, contudo, ela já estará conseguindo realizar movimentos com os braços normalmente. Se a dor persistir, é recomendado dar algum medicamento para aliviar o incômodo.

P155- Entendeu o texto.

A156- Entendi. Ele tá repetindo tudo que já foi dito. Só não entendi uma coisa.

P157- O quê?

A158- O título diz que é uma brincadeira perigosa, mas em muitas partes do texto diz que é uma coisa simples que não precisa preocupar.

P159- Sim, olhando por este lado é realmente contraditório. Muito bem pela sua observação

Em (154) A lê o texto ao lado e percebe a repetição do assunto. Em (158) A faz uma crítica ao texto o que é muito positivo, pois demonstra que A possui a capacidade de argumentar e caracteriza o seu entendimento do que leu.

P160- Continue. Leia os cuidados.

A161- “Evitar puxar, torcer e fazer movimentos bruscos com o braço da criança. Ao ajudá-la a atravessar a rua, por exemplo, cuidado para não conduzi-la com muita força ou de maneira incorreta. Uma vez percebido o problema, não tente recolocar o osso no lugar por conta própria. Leve sempre a criança ao pronto-socorro ou a um ortopedista. Se a lesão voltar a acontecer ou se a criança não conseguir movimentar o braço normalmente após a intervenção médica, leve-a novamente ao hospital.

P162- Você entendeu.

A163- Sim são os cuidados que os pais devem ter com a criança que machucar

P164- Muito bem. Leia os sintomas.

A165- “Dor extrema. Por vezes, a criança pode reclamar de dor no punho ou no ombro, porém o problema está mesmo no cotovelo. Após algum movimento, há

um “estalo” e a criança fica imóvel. Braço visivelmente “pendurado” deslocado do local correto e incapacidade de dobrar o braço.

P166- Você sabe o que são sintomas?

A167- É o que a pessoa sente.

P168- Explique melhor.

A169- A pessoa sente alguma coisa como uma febre, uma dor de cabeça, o corpo mole. Esses são os sintomas. É o que ele fala pro médico pra ele saber o que ele tem.

P170 – Isso mesmo. O texto fala em pronto- socorro. Você sabe o que é.

A171- Um lugar que o atendimento não é tão bom como o hospital. É pra um atendimento mais rápido. O hospital dá mais atenção.

Bloco III- Reflexão sobre o conteúdo

P172- Que tipo de texto é esse?

A173- Informativo.

P174- Sim e o gênero?

A175- Uma reportagem.

P176- Você sabe a diferença entra reportagem e notícia?

A177- A notícia é alguma coisa que acontece e acaba e a reportagem é maior e fala mais do assunto.

P178- Me dá um exemplo de notícia?

A179- Que a copa do mundo vai ser no Brasil

P180- E uma reportagem?

A181- Quando mostra as cidades que vai ter jogos.

P182- As cidades que vão ter jogos.

A183- Sim.

P184- Isso mesmo. O que achou deste texto?

A185- Achei bom, porque tinha coisa que eu não sabia e também porque ensina muita coisa

P186- Você sabe de onde foi retirado este texto?

A187- Não, mas parece que foi de um jornal

P188- Observe bem.

A190- Ah! Tá aqui. Do Correio Braziliense.

P191- Certo. Obrigada pela colaboração

A192- Tá bom.

O segundo protocolo teve a duração de uma hora e cinquenta minutos sendo que, ao longo do processo, percebe-se por inúmeras vezes o desinteresse da aluna. A leitura desta aluna é lenta, as respostas, na maioria das vezes monossilábicas, o que classifica esta aluna, apesar de algumas observações relevantes, como uma aluna intermediária.

Ao final dos protocolos, percebe-se a diferença na aplicação dos dois. O primeiro, o aluno estava na escola e se concentrou mais e o segundo foi realizado em casa , o que de certa maneira, fez com que a aluna se distraísse um pouco mais. Dos dois alunos, o primeiro apresentou um nível melhor de entendimento e de interpretação. As diferenças percebidas não estão ligadas ao fato de serem alunos de escola pública e de escola particular, mas sim do interesse de cada um em realizar o trabalho proposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo diagnosticar e analisar o nível de letramento e a capacidade leitora de alunos do Ensino Fundamental II por intermédio de um procedimento intitulado Protocolo de Leitura. Tal protocolo proporcionou uma análise de como está a leitura e a interpretação dos alunos envolvidos.

Tais alunos foram escolhidos aleatoriamente em escolas de ensino público e privado. Ao realizar o protocolo percebeu-se, que tanto o aluno da rede pública de ensino como o da rede particular tinha pouco hábito de ler e, conseqüentemente, alguma dificuldade em interpretar.

Tendo em vista a pesquisa ter como foco diagnosticar o letramento de alunos do 9º do ensino fundamental por intermédio do Protocolo de Leitura conclui-se como eficiente a aplicação de tal Protocolo, uma vez que esse consegue verificar tanto a capacidade leitora como os conhecimentos léxicos, gramaticais e textuais, assim como os conhecimentos prévios trazidos pelo aluno, possibilitando ao professor checar o nível de letramento e detectar possíveis defasagens que poderão comprometer o rendimento deste aluno no decorrer de sua vida acadêmica.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro; CASTANHEIRA, Salete Flôres. **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo, 7 ed: Ática, 2002.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas: Unicamp, 2005.

KLEIMAN, Ângela B. (Org). TERZI, Sylvia Bueno. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola 2006

SMITH, Frank. **Compreendendo a Leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler / Frank Smith; tradução: Deise Batista. - Porto Alegre: Artes Médicas, 1989

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

Brincadeira perigosa

POR GLÁUCIA CHAVES

A intenção é a melhor possível: divertir-se com os filhos. Mas crianças de 6 meses a 5 anos podem, em um puxão mais brusco, sofrer luxação do cotovelo

Quando se divertem com os filhos, a última coisa que os pais desejam é machucá-los. Algumas brincadeiras, contudo, podem ferir os pequenos — ainda que a intenção seja somente entrete-los. De acordo com Weldon Muniz, ortopedista do Hospital Santa Luzia, se os braços das crianças forem subitamente puxados, torcidos ou sacudidos, pode acontecer a chamada subluxação da cabeça do rádio (um dos ossos do antebraço). "Até os 3 anos de idade, as crianças têm um ligamento 'incompetente' no cotovelo, ou seja, muito fraco, flácido", explica. O puxão faz com que a cabeça do rádio fique "machucada" — ou, em outras palavras, a extremidade do osso sai parcialmente da cavidade, ocasionando o desconjuntamento da articulação.

Esse tipo de acidente não traz consequências maiores para a saúde, mas os pequenos sofrem bastante. "As crianças sentem muita dor e ficam incapacitadas de dobrar o cotovelo", descreve o médico. Mas não é preciso pânico. Basta levar a criança a um ortopedista, que, literalmente, colocará o osso no devido lugar. "O que ele vai fazer é empurrar o osso de volta. É uma manobra simples, um procedimento rápido, como arrancar um dente de leite." O problema, que também recebe o nome de cotovelo de ama, pronação dolorosa ou luxação do cotovelo, é comum entre crianças de 6 meses a 5 anos. A partir dessa idade, ainda de acordo com Muniz, os ligamentos tornam-se mais rígidos, e a chance de se "descolarem" diminui consideravelmente.

COMO ACONTECE

A luxação do cotovelo (ou subluxação da cabeça do rádio) acontece quando a extremidade do osso chamado rádio sai de sua cavidade e entra em um ligamento do cotovelo.



Ao ser puxada, a cabeça (ou extremidade) do rádio sai do lugar, em relação ao ligamento anular no cotovelo. Esse ligamento anular envolve a cabeça do rádio, como se fosse um anel (daí o nome).

SINTOMAS

- Dor extrema.
- Por vezes, a criança pode reclamar de dor no punho ou no ombro, porém o problema está mesmo no cotovelo.
- Após algum movimento, há um "estalão" e a criança fica imóvel.
- Braço visivelmente "pendurado", deslocado do local correto.
- Incapacidade de dobrar o braço.

O QUE CAUSA

Puxões, torções e saculejos podem fazer com que o problema aconteça.

QUEM PODE TER

Crianças de 6 meses a 5 anos, por terem ligamentos com consistência excessivamente elástica e desenvolvimento ósseo incompleto.

TRATAMENTO

- Na maioria das vezes, o procedimento é simples. A radiografia só é pedida em casos extremos. O médico tentará colocar o osso de volta no lugar, movimentando o braço da criança para que o osso e o ligamento deslizem de volta ao local de origem.
- Apesar de rápido, é possível que a criança sinta muita dor. Após 15 minutos, contudo, ela já estará conseguindo realizar movimentos com os braços normalmente.
- Se a dor persistir, é recomendado dar algum medicamento para aliviar o incômodo.

CUIDADOS

- Evitar puxar, torcer e fazer movimentos bruscos com o braço da criança. Ao ajudá-la a atravessar a rua, por exemplo, cuidado para não conduzi-la com muita força ou de maneira incorreta.
- Uma vez percebido o problema, não tente recolocar o osso no lugar por conta própria. Leve sempre a criança ao pronto-socorro ou a um ortopedista.
- Se a lesão voltar a acontecer ou se a criança não conseguir movimentar o braço normalmente após a intervenção médica, leve-a novamente ao hospital.



